

SOCIEDADE CORAL DE BELO HORIZONTE

Temporada Lírica-Oficial

1968

Direção Geral Sociedade Coral de Belo Horizonte

Com a participação

Coral da Sociedade Coral de Belo Horizonte

Orquestra da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos

Ballet Minas Gerais do Prof. Carlos Leite

Guarda-roupa e Cenários do Teatro Municipal do R. Janeiro

ARGUMENTO

"CAVALLERIA RUSTICANA"

Ópera em um ato de Targioni-Tozzetti (baseado no drama homônimo de Giovanni Verga); música de PIETRO MASCAGNI

Na metade do prelúdio, antes ainda que se levante o pano, Turiddu canta uma apaixonada canção em frente à janela de Lola, aproveitando a ausência do marido desta; é o preâmbulo do drama, que se passa na praça de uma aldeia siciliana, entre a igreja e a adega de Dona Lucia, mãe de Turiddu. Um câro de camponeses canta a alegria do Dia de Páscoa, antes de entrar no templo; mas não ousa entrar na igreja a jovem Santuzza, acreditando-se excomungada por ter cedido ao amor de Turiddu, o qual, voltando do serviço militar, encontrou Lola (de quem fora namorado) casada com o carreteiro Alfio, e no amor apaixonado de Santuzza procurou conforto para sua dor. Mas Turiddu não consegue esquecer Lola, que retribui o antigo amor; e Santuzza arde pelos ciúmes, confessando a relação amorosa de Turiddu e Lola à velha Lucia. Novamente o câro dos camponeses levanta louvores a Cristo-Ressuscitado, enquanto passa a procissão; e todos entram na igreja. Na praça ficou sozinho Santuzza, que se encontra com Turiddu; o jovem quer entrar no templo para ver Lola; mas Lola ainda não entrou; chega pouco depois, cantando uma modinha e dirigindo algumas palavras de escárnio a Turiddu e Santuzza, antes de entrar altivamente na igreja. Recomeça o colóquio entre os dois e, pouco a pouco, transforma-se em altercação; as suaves palavras de Santuzza, seus ciúmes, suas ameaças, não conseguem deter Turiddu, que atira ao chão a moça e foge para a igreja, enquanto Santuzza invoca sobre o perjuro todas as maldições. E a maldição atingirá Turiddu: eis, de fato, Alfio; desesperada, Santuzza conta como a mulher o enganou com Turiddu, enquanto o marido está longe, com seu carro. Também Alfio jura vingar-se; pelas palavras de Alfio, Santuzza compreende que suscitou uma tragédia e foge horrorizada. A praça fica vazia; um 'intermezzo' musical leva-nos à segunda parte do drama, que se abre com o festivo sair do povo da igreja.

Turiddu entretém os amigos para um brinde; e, vendo entre a multidão também Alfio, oferece-lhe um copo. Mas Alfio recusa desdenhosamente e Turiddu derrama o vinho no chão, afirmando-se contra o adversário e, conforme o costume, mordendo-lhe a orelha; é o desafio. Os dois homens encontram-se-ão daí a pouco, fora da aldeia, para um duelo rústico, sem regras nem testemunhas. Turiddu despedese de sua mãe, à qual, fingindo estar bêbado, pede a bênção como quando partiu para o serviço militar e implora a promessa de que ela sirva de mãe para Santuzza, caso ele não volte mais. E não volta mais, porque poucos minutos depois de entrar na hora onde Alfio o esperava, ouve-se um grito: "Mataram Turiddu!". Santuzza acode e cai desmaiada entre os braços de Dona Lucia.

"I PAGLIACCI"

Ópera em dois atos; palavras e música de RUGGERO LEONCAVALLO

I ATO

O público que assiste a uma comédia, amiúde tem a sensação de que os atores não recitam, mas desempenham um trecho de vida real; todavia, nós nos perguntamos: "As lágrimas serão verdadeiras? Será verdadeira a dor, a alegria, a paixão dos atores?" Quantas vezes no palco os atores representam um drama verdadeiro, o drama de suas vidas!... Tudo isso é narrado ao público por Tonto, um palhaço que, à moda antiga, canta um prólogo para chamar a atenção sobre o que se passará no palco: vida e fin-

CORAL LÍRICO DA S. C. B. H.

SOPRANOS

Alaide Oliveira
Angela Maria do Carmo
Apparecida Nascimento
Dora Serpa
Elizabeth Duarte Rocha
Gilma Inês Cassimiro
Luzia de Castro
Maria da Conceição Fonseca
Nara Elda d'Amato
Nolda Armani
Orita Tassara
Vera Lucia Machado
Zelinda Mesquita Resende

MEIO-SOPRANOS

Alaide Barcelos
Ana Maria de Aguiar Machado
Lidia Maria Limp
Márcia da Silva
Maria Antonieta B. Soares
Mércia da Silva
Rita Tereza M. Falcão
Vera Jurgielewicz
Vera Zolini

CONTRALTOS

Ana Marly
Carolina Gontijo
Geraldina Maria Gonçalves
Iracema G. de Motta
Maria de Lourdes Morato
Maria de Lourdes Motta
Maria Dolores de Paiva
Maria Lucia Machado
Sônia Bonfim
Sylvia Mattos
Thais Horta

Homenagem especial: Professor João Décimo Brésia
35 anos de canto lírico, e atividades artísticas em Belo Horizonte

Colaboram
Hotel Del Rey
Hotel Metropole
Frimisa

TENORES

Alcides Fraga
Alirio dos Santos
Câncio de Araújo
Fábio Lúcio Martins
Gentil Barcellar
José Saturnino
Mário Rébula
Nivaldo Mello
Nonato Vasconcelos
Oscar Vespasiano Filho
Paulo Leal
Ueher Rios Dias
Vicente Pires Guimarães
Vitor Silva

BARITONOS

Ataulfo Nascimento Cardoso
Francisco José de S. Campos
Francisco Mayrink
Haroldo F. Xavier
Joaquim Romualdo Moreira
José Carlos Gariba
Petrônio F. Nunes
Sylvio Viegas

BAIXOS

Antônio Ferreira Bonfim
Daniel Antônio
Edson Clemente da Silva
José de Aguiar Júnior
Luiz Duarte Rocha
Mirabeau Nolasco
Wilton Paranhos

Cervejaria Brahma
Panificadora Savassi
Cia. Telefônica M. G.
Cia. Fôrça e Luz M. G.

Domingo, 8 de setembro de 1968, às 21 horas

4.^a Récita de Assinaturas

Terça-Feira 10 de setembro, às 21 horas

4.^a Récita Extraordinária

«CAVALLERIA RUSTICANA»

ÓPERA EM 1 ATO

Libreto de Targioni-Tozzetti e Menasci, baseado em verga
Música de Mascagni

PERSONAGENS E INTÉRPRETES

Turiddu	João Décimo Brésia (T)
Santuzza	Ana Maria (S)
Lola	Genuina Pinheiro (M. S.)
Alfio	Wilson Simão (B)
Mamma Lucia	Dora Serpa (S)

«I PAGLIACCI»

ÓPERA EM 2 ATOS

Libreto e música de Leoncavallo

PERSONAGENS E INTÉRPRETES:

Prólogo	Lourival Braga (B)
Canio	Assis Pacheco (T)
Nedda	Maria Eugênia Meinelles (S)
Tonio	Wilson Simão (B)
Beppe	José Martha Filho (T)
Silvio	William Lima (B)
Camponeses	Flávio Lucio Martins (T) Câncio Araújo (T)

Régisseur	Diretor de Palco	Ponto
João Décimo Brésia	Marum Alexander	Luiz Aguiar

Maestro de Côro	Regente	Preparador ao Piano
LUIZ AGUIAR	SÉRGIO MAGNANI	JILKA NASTASITY MARTHA

MAESTROS INTERNOS — (Auxiliares)

Marum Alexander — Valério Valeriani

Participação especial do Coral «Regina Pacis», no côro interno
«Regina Coeli», na «Cavalleria Rusticana».

gimento seentrelaçam na grande comédia que é a vida... E a comédia começa numa aldeia da Calábria, pelos fins do século passado. Os camponeses recebem com grande festa uma companhia de comediantes, que planta sua tenda para uma representação e agora, para atrair o público, dá uma volta pela aldeia, num carrinho: além de Tonio, um palhaço deforme, e Pepe vestido de arlequim, há Canio e a mulher Nedda, jovem atraente e vivaz, que desperta muitas vezes os ciúmes do marido. A multidão aclama os atôres e depois segue alguns tocadores de cornamusa, que iniciam a procissão da Assunção. Com os aldeões vão-se também Canio e Pepe, enquanto que em frente ao teatrinho fica Nedda, que, cansada do marido ciumento, se inebria de amor e liberdade. Mas Tonio está espiando e tenta seduzi-la com lisonjas; há tempo a ama e a deseja, mas, sendo tão feio e disforme, Nedda a princípio ri; depois, quando percebe que Tonio está louco de amor, ofende-o com o ridículo e dá-lhe uma chicotada no rosto. Pouco depois, de uma moita sai Sívio, jovem camponês que conheceu Nedda quando a companhia dos atôres visitara a aldeia anteriormente. A mulher tem medo de encontrar-se com Sívio; mas este tranquiliza-a, dizendo-lhe que seguiu Canio e Pepe, que foram para a adega. Nedda, feliz, se abandona nos braços do amante, que lhe propõe fugir com ele para sempre: numa sua casa-de-campo viverão contentes, pois uma grande paixão os une. A jovem está indecisa; por fim promete fugir com o amante naquela mesma noite.. após o espetáculo: "Esta noite... e para sempre serei tua!" E, em sua paixão, não percebe que o marido, avisado por Tonio, voltou e, cego de raiva, vai se atirar contra Sívio, o qual consegue fugir. Canio persegue-o, mas não lhe é possível alcançá-lo nem reconhecê-lo; e enfão quer que a mulher lhe confesse o nome do amante. Nedda cala. O marido atira-se-lhe com o punhal: Pepe, que voltou da adega, tem apenas tempo de se interpor entre os dois; e, enquanto Nedda aproveita para entrar no barracão, Pepe acalma o dono, dizendo-lhe que o público vai sair da igreja e logo virá assistir ao espetáculo: precisa apromptar-se. E Canio, com a morte no coração, veste o cassaco de palhaço e empoa o rosto: quer chorar, desesperar-se, gritar; mas não pode; porque agora precisa representar...

II A T O

O público toma seus lugares em frente ao teatrinho; a representação começa, levanta-se o pano e aparece uma sala com uma mesa e duas cadeiras. Nedda (vestida de Colombina) está à espera, nervosa. Ouve-se ao longe uma serenata de Arlecchino (é Pepe), que pede à Colombina que lhe abra a janela. Mas, nisso entra o velho Tadeo (é o côxo Tonio), que, com infinitas bobices, alegria o público, trazendo à Colombina uma cesta de iguarias. Entra pela janela Arlecchino, que manda embora Tadeo, a pontapé, e abraça a jovem, perguntando-lhe se o marido está longe. A mulher responde que ele poderá chegar de um momento para outro; e então Arlecchino aconselha-a a pôr narcótico num copo e fazê-lo tomar ao marido, caso este volte: assim poderão ficar tranquilos. Tadeo volta muito agitado, anunciando que o marido de Colombina está prestes a chegar: os dois amantes ficam assustados, mas Arlecchino tem apenas tempo para fugir, enquanto a mulher murmura: "Esta noite... e para sempre serei tua!" Canio, entrando em cena, ouve as palavras de Colombina, que lhe lembram as mesmas ditas pela mulher... E, por um momento, esquece que é um palhaço; pergunta a Colombina o nome do amante, quer saber o nome... A mulher grita-lhe: "Palhaço!" A cena torna-se dramática: o público diverte-se e apaixona-se pelo diálogo, não percebendo que Canio e Nedda não recitam mais, mas "vivem" seus papéis. Nedda, para se salvar, pensa em continuar a representação, dançando e confessando que com ela não estava o amante, mas o inocente Arlecchino. O público continua a rir; Pepe, porém, compreendeu que Canio age seriamente e procura intervir, mas é afastado astutamente por Tonio. Canio, perde a cabeça; quer que Nedda lhe diga o nome do amante; a mulher já não nega, mas afirma que não o revelará, a custo de sua própria vida. A multidão bate palmas, as mulheres choram, exaltadas pelo realismo da linda comédia. Entre os espectadores encontra-se também Sívio, que compreende a tragédia de Nedda. De fato, Canio agarra a mulher e, tirando da mesa uma faca, enterra-lhe no peito. Nedda cai com um grito, bradando: "Socorro, Sívio!" Da multidão levanta-se Sívio e, com o punhal, procura defender a amante. Canio, então, reconhecendo em Sívio o amante da mulher, volta-se para ele e mata-o. Os espectadores põem-se de pé, horrorizados. E Canio, deixando cair a faca, volta-se pela última vez para o público e diz, com amarga ironia: "A comédia acabou!"

Realizando a sua 18.ª Temporada Lírica Oficial, a Sociedade Coral de Belo Horizonte apresenta os seus sinceros agradecimentos a todos que de uma maneira ou outra ajudaram ou deram o seu apoio para esta difícil tarefa.

Apresentamos nesta Temporada um elenco de grande gabarito de solistas, tanto da cena lírica mineira, como do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, aumentando o nosso quadro de solistas com novos valores. Um corpo Coral de 60 vozes, uma orquestra de 40 músicos da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos, o grande conjunto do Ballet Minas Gerais, num conjunto grande e harmonioso, certamente contribuirá para abrilhantar os espetáculos programados.

Tem a valorizar a Temporada ainda nomes de grande projeção: Regentes como Maestro Sérgio Magnani, Maestro Mário de Bruno, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. O jovem Maestro Marum Alexander fará sua estréia na Temporada Lírica Oficial deste ano, e que está sendo aguardado com grande interesse. O Guarda-roupa e todos os cenários foram gentilmente cedidos pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que como sempre empresta o seu apoio a todos.

O apoio substancial que nos foi dado pelo Senhor Governador Israel Pinheiro foi decisivo para melhorar a qualidade da Ópera deste ano. Sendo uma promoção altamente dispendiosa, pois movimentamos cerca de 200 pessoas, entre cantores, coristas, músicos, bailarinos, regentes, régisseurs, pianistas, maestros internos, cenaristas, técnicos e maquinistas, cada ópera fica em cerca de NCr\$ 10.000,00.

Apresentando as duas primeiras óperas no Teatro Francisco Nunes, as outras três serão apresentadas no Palácio das Artes. Tanto o Teatro Francisco Nunes teve grandes melhoramentos na atual direção como também o Palácio das Artes teve a sua adaptação perfeita para a realização das óperas programadas, devido ao apoio que nos deu o Engenheiro Pery Rocha França.

Assim, congregando artistas, companheiros e amigos em torno de nós, esperamos apresentar uma das melhores Temporadas Líricas dos últimos anos. Para isto contribuíram de uma maneira absolutamente decisiva a Imprensa, o Rádio e a TV como colaboração gratuita e de grande eficiência.

Temos certeza de que a culta platéia desta Cidade prestigie o nosso esforço e aprove o nosso trabalho, com o que sentir-nos-emos plenamente compensados.

Hermann von Tiesenhausen
Presidente da S.C.B.H.

CALENDÁRIO DA TEMPORADA

TEATRO FRANCISCO NUNES

Dias 16 e 18 de agosto — «TOSCA» — Puccini

Dias 23 e 25 de agosto — «BARBIERE DI SIVIGLIA» — Rossini

PALÁCIO DAS ARTES

Dia 30 de agosto e 1º de setembro — «GUARANI» — C. Gomes

Dias 6 e 8 de setembro «CAVALLERIA RUSTICANA» —
Mascagni

«PAGLIACCI» — Leoncavallo

Dias 13 e 15 de setembro «LUCIA DI LAMMERMOUR» —
Donizetti